

**A GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO: RESGATANDO O INTERESSE
DOS ALUNOS DO 1º ANO ATRAVÉS DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO NA ESCOLA ESTADUAL CÔNEGO LUIZ
WANDERLEY - NATAL/RN**

Laura Beatriz Peixoto ¹

RESUMO

A tessitura do presente artigo é resultante da experimentação do contato com a sala de aula, sobretudo, em um período pós pandêmico com retorno de cem por cento das aulas presenciais, na Escola Estadual Cônego Luiz Wanderley, com as turmas de 1º ano A e B. Considerando que sucede-se um enquadramento de aulas totalmente remotas, onde as aulas se deram via internet com a utilização de distintas ferramentas, o objetivo deste estágio supervisionado é resgatar o envolvimento e interesse dos alunos, compreendendo que os mesmos advêm de uma trajetória escolar pautada no ensino tradicionalista, bem como, trazer uma análise intrínseca de auto avaliação do fazer pedagógico docente. A metodologia deleita-se nas práticas de intervenção pedagógica nas turmas supracitadas no percurso formativo do período de estágio supervisionado para formação de professores para o ensino médio, ocorrendo durante o período do 4º bimestre letivo escolar. Desse modo, é possível afirmar que a experiência traz ao campo da educação uma reflexão quanto às inovações de práticas ativas no processo de ensino e aprendizagem, estas sendo contribuintes para que os alunos consigam resgatar o desejo de aprender e assim compreender os saberes geográficos de acordo com o seu entendimento social, além de contribuir significativamente para a formação inicial do professor, possibilitando este a se desenvolver como um profissional da educação que valorize e utilize as ferramentas que as tecnologias podem fornecer para as práticas educativas.

Palavras-chave: Intervenção pedagógica. Experiência. Ferramentas. Entendimento social.

INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento das técnicas e tecnologias, a área educacional busca acompanhar esse ritmo complexo e dinâmico, a fim de convir as variedades metodológicas,

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, laura.paiva.017@ufrn.edu.

sobretudo, adequar-se a realidade concedida no percurso de vivência acadêmica do estágio supervisionado de formação de professores para o ensino médio em Geografia.

O estágio supervisionado, perante o que diz a conceituação de Portela e Schumacher (2007), é o período de exercício pré-profissional, previsto em currículo de curso ou não, onde os estudantes percebem em contato direto, o ambiente de trabalho futuro com sua formação, desenvolve atividades fundamentais, com duração limitada sob supervisão de professor da instituição concedente no campo do estágio.

Nessa perspectiva, no anseio da formação de docentes, este, embasados e munidos dos saberes acerca da área de formação, no âmbito da educação pública oportuniz-se da prática estagiária uma fonte de análises de variadas situações que vão além das teorias apresentadas na universidade, que diante da vivência e do fazer pedagógico do educando, possibilita novas práticas entre professor-alunos, resolvendo que é de inovações didáticas que a educação se mantém em constante construção e avanço.

Complementando ainda sobre, Colombo e Ballão (2014) expõe o que é estágio, onde afirmam que, é um momento que oferece ao estudante a capacidade de colocar em prática o conhecimento construído na parte teórica da sua formação acadêmica, reforçando o seu aprendizado profissional, alinhando o saber e o fazer. E é sobre o fazer pedagógico que se permeia o estágio supervisionado, viabilizando os ajustes e novas ações nas suas práticas.

Firmado nas ideias supracitadas e tendo em vista a oportunidade de aproximação prática da realidade pedagógica, proporcionada pela disciplina de estágio supervisionado de formação de professores para o ensino médio, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tendo como campo experienciado a Escola Estadual Cônego Luiz Wanderley, localizada na zona norte de Natal-RN.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com as construções contínuas da sociedade e o constante avanço tecnológico, torna-se insensato pensar na escola a parte, já que a mesma se molda como uma extensão social. Logo, formas inovadoras surgiram e tornaram-se viáveis para usabilidade diária, seja na rede privada ou pública de ensino. É nessa linha de raciocínio que Soares (2020) traz a ideia mediante a conjuntura atual, que provoca nos educadores em geral uma análise intrínseca sobre as incertezas e inseguranças em relação ao que exige um “novo perfil docente”, e ao que se espera do futuro sobre o cerco pedagógico e na formação de cidadãos críticos.

O ano de 2022 foi marcado pelo retorno 100% presencial do ensino básico após a pandemia no COVID-19, sendo este um marco esperado, mas também repleto de questões a serem resolvidas. Sabe-se que o período remoto emergencial não era acessível para a realidade socioeducacional do Brasil, todavia, professores e alunos precisam se desdobrar e aprender novas técnicas e habilidades digitais, muitos precisando abrir mão da hesitação em aderir estes métodos. Dessa forma, é necessário que nesta retomada às aulas presenciais, o ambiente digital-tecnológico não seja esquecido ou abandonado. De acordo com Santana e Martins (2013) “é preciso que cada docente repense sua prática, se renovando cada vez mais, para melhor desenvolver o processo de ensino e aprendizagem”.

Sendo assim, entende-se que os professores, assim como outros profissionais do ambiente escolar, devem fazer das tecnologias uma aliada na aprendizagem, pois vivemos no atual meio técnico-científico informacional (Santos, 1996) e a adesão aos ambientes digitais tornou-se o mínimo, ainda mais quando se trata de jovens que nasceram e cresceram na era da comunicação.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que o conteúdo está disposto, mas a geração de conhecimento vai além de transpassar informações, é necessário fazer com o que o aluno se interesse, gerando uma aula com “engajamento” por parte dos mesmos e isto, só acontecerá se a aula for executada de modo diversificado, buscando sempre uma saída para a monotonia. Trata-se da ideia confirmada por Nóvoa (1992), que entrelinhas informa que a formação docente nas suas análises e considerações próprias edifica sua auto formação, mas, que isso só é possível com o investimento pessoal, criatividade, visando sempre a construção de sua identidade profissional.

Adentrando no contexto vivenciado nas turmas de 1º ano do ensino médio da Escola Estadual Cônego Luiz Wanderley, compostas por adolescentes que fizeram dois anos consecutivos, e, formaram-se no ensino fundamental (anos finais) com aulas em formato do ensino remoto emergencial, evidencia-se aqui que mesmo sendo um direito universal, a mesma não chegou para todos, é de se entender que no ensino remoto da escola pública iria ocasionar alguns impactos negativos, entre eles, a falta de interesse nas aulas e, conseqüentemente, a não perspectiva de um futuro através da educação. Portanto, com as diversas situações imagináveis e individuais que podem ter ocorrido no percurso letivo de cada aluno, e que posteriormente levaram a situação atual, viu-se a precisão de buscar ferramentas que poderiam vir a incrementar e auxiliar o professor em seu processo de ensino e o aluno em seu processo de aprendizagem.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa foi desenvolvida através da observação participante voltada para aplicação de uma atividade de intervenção de pesquisa na escola. Para mais, somado a fenomenologia da vivência dentro do contexto escolar ao exercer entre as mais diversas funções do ser professor. O objetivo foi amenizar a falta de interesse durante as aulas da disciplina de geografia através de ferramentas didáticas digitais nas turmas de 1º A e 1º ano B da Escola Estadual Cônego Luiz Wanderley. Para tal acontecer, foram necessárias cerca de 8 semanas de vivência direta, divididas em etapas de observação, planejamento, aplicação e análise dos resultados obtidos.

Além disso, foi realizada uma pesquisa qualitativa com 35 estudantes do 1º ano do ensino médio, divididos em turma “A” e “B” com o objetivo de prover captar dados basilares para compreender as motivações da problemática central da pesquisa e assim promover metodologias de incentivo à participação e interesse dos alunos durante as aulas de geografia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

É característico de cada professor possuir sua metodologia em sala, a qual sente maior conforto ao aplicá-la e costuma utilizar com maior frequência. Contudo, também cabe ao professor identificar o potencial e dificuldades dos seus alunos ou turmas através das aulas e atividades propostas, assim sendo necessário reformular ou adaptar seu método pedagógico em prol de maior adesão da turma à participação das aulas e, conseqüentemente, na construção do conhecimento geográfico.

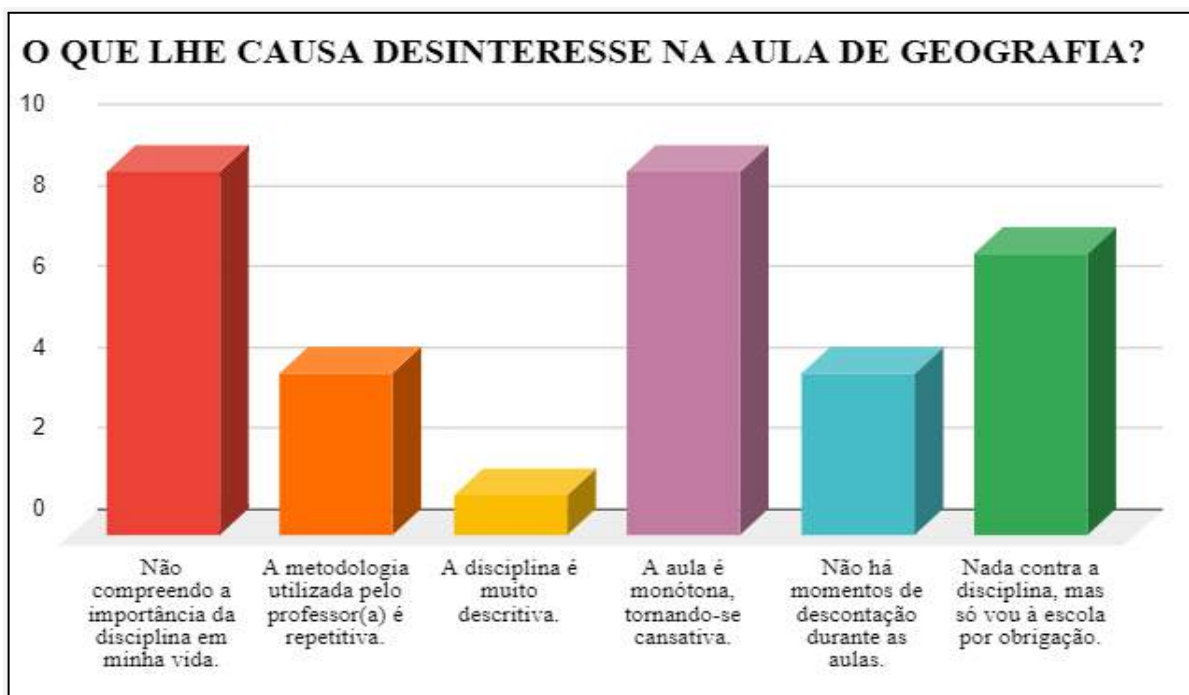
O 4º bimestre na Escola Estadual Cônego Luiz Wanderley estava prestes a começar e com observação nas turmas do 1º ano “A” e 1º ano “B”, foi notado que entre os alunos existia uma alta taxa de desvio de atenção, falta de interesse durante as aulas, conversas paralelas, uso de celular para fins diversos e não realização de atividades no decorrer das aulas. Em vista disso, ao ocupar o cargo de estagiárias, as presentes autoras direcionaram as 7 semanas seguintes para a aplicação de metodologias que viessem a possibilitar uma redução do problema.

Já no primeiro contato direto com os alunos de ambas as turmas, além da dinâmica de apresentação, o momento foi utilizado para explicar como seria a organização do 4º bimestre, compartilhando o objetivo de trazer novas ferramentas nas aulas ao mesmo tempo que foi solicitada a colaboração de todos, além disso, foi exposto como seria a aplicação de

atividades, distribuição de pontuações, avaliação de seminários, construção de provas e suas respectivas correções.

Por fim, houve a de um breve questionário para melhor compreensão de como os alunos do 1º ano A e B enxergavam a geografia em si, assim como suas aulas. O resultado (gráfico 1) apontou X% não tinham interesse nas aulas de geografia, a maior taxa de respostas voltou-se para a não compreensão da importância da geografia em suas vidas ou a monotonia das aulas.

Gráfico 1: Resultado do questionário sobre as aulas de geografia .



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

Estas respostas evidenciam que há necessidade de captar não apenas a atenção dos alunos, mas a compreensão sobre a importância do mesmo já que entende-se que caso o aluno não encontre significado no trabalho que tem a realizar, se não vê perspectiva futura nessa aprendizagem, provavelmente não terá interesse em aprender (Bini; Pabis, 2008).

Em duas semanas distintas de aplicação com as temáticas de “Globalização, pobreza e desigualdade” e “Consciência ecológica”, o uso do *datashow* como ferramenta didática para exposição de *slides* com um design moderno em busca de captar a atenção dos alunos. Apesar de uma apresentação projetada parecer algo simples, no cotidiano não são muitos professores que costumam usar o aparelho devido a falta de aptidão em seu manuseio, a indisponibilidade

na escola, etc. Então torna-se um momento pontual, que saiu do comum do dia a dia e trouxe benefícios no quesito atenção e participação na aula.

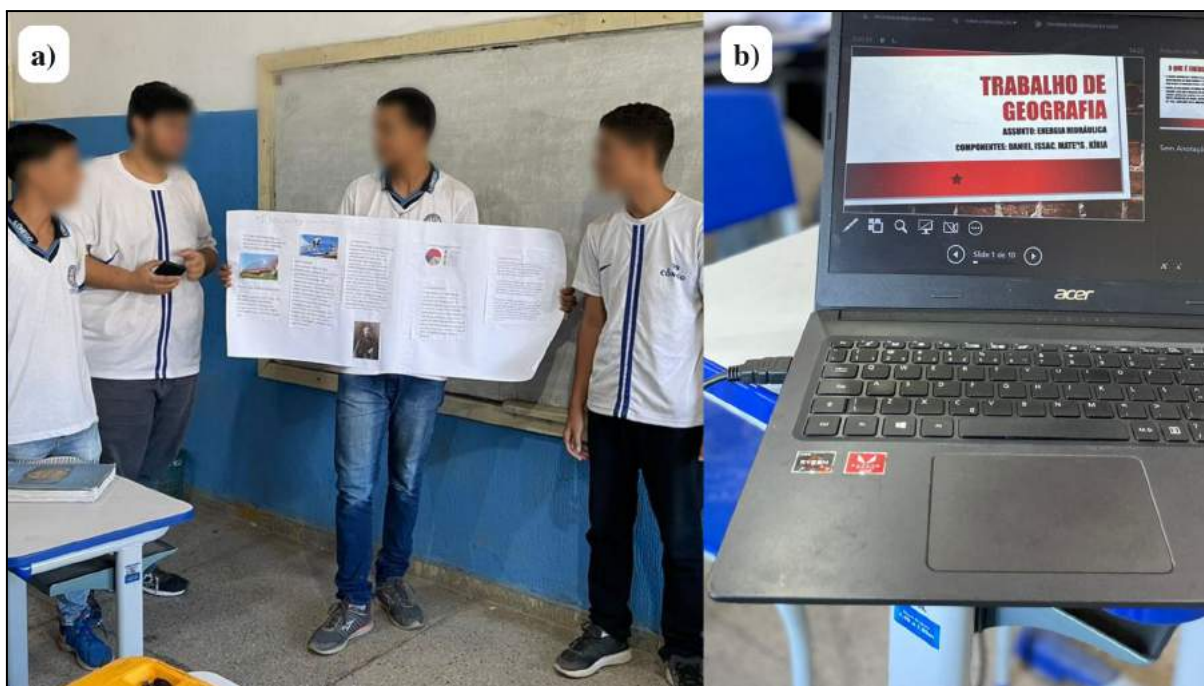
Para interpolar com a ferramenta da aula anterior, em uma das semanas foi utilizada a ferramenta da música durante as aulas sobre a temática da “Ação humana e meio ambiente” com letra distribuída à todos em folhas A4 e emitida através de uma caixa de som portátil, conectada ao celular via bluetooth. De acordo com Tourinho (1996, p. 103) “A música como qualquer outra arte acompanha historicamente o desenvolvimento da humanidade e pode se observar ao analisar as épocas da história, pois em cada uma, ela está sempre presente”. Compactando este pensamento, a música utilizada foi “Passarinhos” do rapper Fernando Roque de Oliveira, conhecido pelo codinome Emicida e da cantora Vanessa da Mata como ponto de partida para discussão com base na identificação do seguinte trecho:

[...] No pé que as coisa vão, Jão, doidera / Daqui a pouco, resta madeira nem pros caixão / Era neblina, hoje é poluição / Asfalto quente queima os pé no chão / Carros em profusão, confusão / Água em escassez bem na nossa vez / Assim não resta nem as barata (é memo!) / Injustos fazem leis e o que resta pr'ocês? / Escolher qual veneno te mata [...] (Oliveira et al, 2008)

Após a audição da música, esta que já era conhecida por boa parte dos alunos, os mesmos de ambas turmas (cada um em seu respectivo horário) foram indagados sobre qual trecho é possível notar como o meio ambiente ao nosso redor está sendo afetado pela ação antrópica e, como esperado, os alunos responderam e problematizam naturalmente, fazendo o prosseguir da aula ser realizado com uma boa interação, tanto que, ao finalizar a discussão e serem propostos uma atividade, 100% dos alunos presentes realizaram-a. Vale ressaltar que todas as aulas tinham uma atividade no final, mas apesar da maioria realizar, ainda sim não era a classe como um todo.

Além dos dias supracitados, em outros momentos foram levados vídeos interativos, charges, rodas de conversa e outros, sempre obtendo uma interação considerável por parte dos alunos, assim como também a maioria dos alunos da turma se agruparam e fizeram o seminário do semestre (figura 1), tudo de acordo com o solicitado na primeira aula dentro da abordagem da pesquisa.

Figura 1: Apresentação de seminários.



Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2022.

Descrição: a) Apresentação de seminário através de cartaz produzido por grupo de alunos; b) Apresentação de seminário através slides produzidos por grupo de alunos.

Contudo, entre os diferentes recursos utilizados, um jogo digital em formato de revisão foi utilizado como desfecho do bimestre, o kahoot. Este, com certeza, tornou evidente como atribuir novas ferramentas e tecnologias em sala de aula é um potencial que deve ser utilizado, a empolgação dos alunos em fazer parte do jogo era nítida, tornando o momento marcante e divertido. Ao final desta aula, a mesma na qual havia sido realizado o jogo digital de revisão, foi solicitado aos alunos se organizassem em círculos e cada um respondesse o questionamento “Após essa nova experiência em geografia que vocês tiveram nesse bimestre, vocês conseguem identificar a importância da disciplina, por quê?”. Os relatos foram diversos, mas significativos e importantes para compreender como a inserção metodológica de recursos didáticos nas aulas consegue captar não apenas a atenção do aluno, mas seu interesse e, conseqüentemente, a produção de conhecimento durante o seu processo de aprendizagem.

“Antes eu não entendia o sentido da geografia, achava que era só coisas tipo clima, países e essas coisas, sabe? Mas agora eu acho que a geografia é mais do que isso, faz a gente pensar e refletir um pouco sobre tudo, né? O jeito que a gente vive e tudo o que acontece ao nosso redor.”

A utilização de ferramentas didáticas, digitais ou não, possui um potencial grandioso na construção de conhecimento ao ser aplicado em sala de aula, logo afirma-se que este é o motivo chave para a proposta com a mente aberta. Não obstante, entende-se esta é uma opção viável de metodologia para apoiar o processo de ensino e de aprendizagem, gerando reflexão sobre o conteúdo estudado, a vivência do aluno e assim uma melhor assimilação e contextualização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A associação entre escola, recursos e tecnologias ainda é um tema bastante discutido e não tão bem aceito na realidade da educação brasileira. A grande parte dos professores sempre mantiveram suas aulas da maneira convencional, não estando atentos aos benefícios que os meios digitais podem proporcionar ao processo educativo escolar, logo não há busca ou interesse para aprender e desenvolver ferramentas digitais de apoio ao ensino.

Entretanto a resultante do fazer pedagógico fomentado na experiência de professoras, traz um sentido de “fazer o novo” a cada plano de aula, e a cada aula ministrada. Pode-se fazer aulas interessantes, inserindo sempre dentro do contexto de vivência do aluno, pois, é de grande significado ministrar com as diversas exemplificações de uma formação futura do alunado como cidadão crítico. Continuou-se ainda a usabilidade de ferramentas digitais, uma vez que, o interesse do alunado envolve-se nesse marco, com jogos, apresentações de slides, etc. Porém, ainda nas aulas é necessário interagir com ferramentas tradicionais de ensino, como o escrever na lousa, fazer atividades em sala e/ou para casa, apresentação de seminário.

Nessa mesma perspectiva, deve-se entender que para o ato de ensino-aprendizagem ser corroborado, não apenas depende do docente, o outro pilar também deve estar empenhado e assegurado minimamente do desejo de aprender, e uma vez que, este não está com sua base firme, a aquisição do conhecimento não se efetiva.

É essa situação que leva o docente a uma auto avaliação pedagógica cíclica. E a culpa do “não aprender do aluno?”, sempre deturpando o ensino pública, e sobretudo, é intolerante recaia a culpa total ao corpo docente, pois, há busca de novos conhecimentos, de novas interações em sala aula, e ademais circunstância de inovações pedagógicas sempre são revisadas e modificadas para o melhor contexto de ensino. Sendo assim, a continuidade do fazer pedagógico que perfaz sentido educacional e social e que traga um ínfimo conhecimento aos discentes continuará perscrutado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BINI, Luci Raimann; PABIS, Nelsi. Motivação ou interesse do aluno em sala de aula e a relação com atitudes consideradas indisciplinadas. **Revista Eletrônica Lato Sensu**, Curitiba, ano 3, n. 1, mar. 2008.

COLOMBO, I. M.; BALLAO, C. M. Histórico e aplicação da legislação de estágio no Brasil. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 53, p. 171-186, set. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n53/11.pdf>.

LIBÂNEO, J. C. Didática. (Coleção magistério. Série: Formação do professor). São Paulo: Cortez, 1994, 263 p.

NÓVOA, A. Formação de professores. In: Nóvoa, A. (org.). *Vidas de professores*. Lisboa: Dom Quixote. 1992.

PORTELA, K. A; Schumacher, A. J. - **Estágio Supervisionado-Teoria e Prática**. Editora: Alexandre Schumacher. 1ª Ed. Coleção Secretarial, Brasil, 2007

SOARES, M. B. Formação permanente de professores: um estudo inspirado em Paulo Freire com docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. *Educação & Formação*, Fortaleza, v.5, n.13, p. 151-171, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1271>.

TOURINHO, I. **Música: pesquisa e conhecimento**. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 1996.